

CURSO DE FORMAÇÃO: “CUIDAR E EDUCAR: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO”

18 de setembro de 2012

Rotina: o cuidado que educa, a ação educativa que cuida

* Solange Leme de Oliveira

Rotina: sf (fr routine)

- 1 Caminho habitualmente seguido ou trilhado; caminho já sabido.
- 2 Hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, maquinal ou inconscientemente, pela prática, imitação; desídia etc.
- 3 Hábito inveterado que se opõe a inovações ou progresso.
- 4 Feitio e espírito conservador.
- 5 Relutância contra o que é novo.
- 6 Costume antigo.

Rotina

Arnaldo Antunes

A ideia é a rotina do papel.
O céu é a rotina do edifício.
O início é a rotina do final.
A escolha é a rotina do gosto.
A rotina do espelho é o oposto.
A rotina do perfume é a lembrança.
O pé é a rotina da dança.
A rotina da garganta é o rock.
A rotina da mão é o toque.
Julieta é a rotina do queijo.
A rotina da boca é o desejo.
O vento é a rotina do assobio.
A rotina da pele é o arrepio.
A rotina do caminho é a direção.
A rotina do destino é a certeza.
Toda rotina tem sua beleza.

A definição de rotina apresenta conotações negativas e positivas. Na escola, ela pode assumir um ou outro sentido: **negativo**, no caso da **rotina mecânica**, que prende, não vê necessidades do grupo, aliena. No sentido **positivo**, tem-se a **rotina estruturante**, que organiza, permite flexibilidade, liberta.

A rotina, no sentido positivo, dá ritmo, uma cadência que possibilita a estruturação do tempo e do espaço. Ao organizar o “exterior”, possibilita a “organização interior”.

O Referencial Curricular de Educação Infantil, documento do MEC, define a rotina como “instrumento de dinamização da aprendizagem, facilitador das percepções infantis sobre o espaço e tempo”. A criança pequena não tem noção de tempo. Para ela tudo é o presente. É aos poucos, a partir das experiências vividas, que ela vai se tornar capaz de relacionar o que está acontecendo com o que já aconteceu (passado próximo) e depois com o que vai acontecer (futuro).

Na verdade, o tempo é um fluxo constante. A necessidade de estabelecer prazos, mensurar o tempo decorre da necessidade de planejar, projetar ações, ou acontecimentos – características peculiares humanas.

Muitas crianças pequenas demonstram grande preocupação quando seus pais as deixam na escola e não se consolam facilmente com explicações como: “*a mamãe já vem te buscar*”; “*o papai vai um pouco, mas logo eu volto*”. Essa angústia dos pequenos acontece porque eles não conseguem entender a duração da separação – vivem o presente, não projetam acontecimentos.

A vivência de sequência de atividades, uma vez conhecida, vai possibilitar que a criança construa o pensamento antecipatório. A criança que se angustiava vendo os pais partirem, se acalma ao entender que após algumas atividades estará na hora de voltar para casa, pois passa a fazer uma organização mental dos acontecimentos: – “*Primeiro eu sento na roda, depois eu escolho brinquedo, depois eu tomo lanche... depois a mamãe chega para eu ir embora*”. Este é o embrião da capacidade de mensurar o tempo.

O tempo das crianças de educação infantil é o tempo de suas ações (egocentrismo intelectual), daí o educador deve considerar que a duração e sequência das atividades são também elementos de aprendizagem.

No entanto, em algumas escolas, a rotina é seguida acriticamente, como uma sequência fixa de atividades cronometradas e subdivididas em: atividades pedagógicas, atividades de socialização e atividades de higiene e saúde, numa visão que, ao separar, empobrece as atividades consideradas “não pedagógicas”. É a rotina mecânica, em que o tempo é preso pelas amarras nomeadas de “a hora de...”, numa prática sem flexibilidade, sem consciência do fazer, ou percepção das necessidades do grupo de crianças.

Na creche com rotina mecânica, os tempos predeterminam quando todos irão comer, tomar banho, dormir, brincar e aprender, como coisas separadas e que não trata com indivíduos, mas “da classe”, como um corpo único.

No RCNEI a rotina está contemplada na modalidade organizativa – “atividades permanentes”, incluindo:

- ✿ brincadeiras em espaços internos e externos;
- ✿ roda de história; roda de conversa;
- ✿ ateliês ou oficinas de desenho, pintura, modelagem e música;
- ✿ atividades diversificadas ou ambientes organizados por temas ou materiais da escolha da criança;
- ✿ cuidados com o corpo e com o ambiente.

Os cuidados com o corpo e com o ambiente, nem são sempre percebidos como fatores de aprendizagem, e, no entanto, são extremamente importantes, pois possibilitam às crianças desenvolverem e manterem hábitos/atitudes fundamentais para o bem viver: ordem, organização, higiene, alimentação correta, uso do tempo e espaço adequados, desenvolvimento de atitudes adequadas às diversas situações.

A atividade de higiene, conforme a sua condução pela educadora, pode ajudar a criança: a conhecer o próprio corpo, nomear suas partes; desenvolver a coordenação motora; construir sua identidade e autonomia, levando-se em consideração que a cuidadora vai gradativamente permitindo que a criança aja e aprenda a se cuidar sozinha, ou com pouca intervenção do adulto. O momento do banho, por exemplo, deve ser prazeroso, com a criança usufruindo da plena atenção do adulto que vai conversar, explicar e ensiná-la a se cuidar dentro do possível. O mesmo acontece com a escovação dos dentes, ou o momento de lavar as mãos, ações que devem se tornar hábitos necessários à boa saúde.

O momento da alimentação é outra oportunidade rica para a socialização e construção da identidade das crianças por meio de conversas informais; promoção da autonomia pela escolha dos alimentos e porção a ser ingerida. Com este objetivo, algumas escolas de Educação Infantil estão implantando o *self service*, permitindo às crianças aprenderem a se servir, escolher o alimento, pegar apenas o que vai consumir, esperar sua vez, carregar seu prato sozinha e com cuidado, se sentar para comer e manter atitudes adequadas ao momento da refeição com o grupo.

Vários outros momentos na rotina da escola podem ser direcionados para ajudar a criança na construção de comportamentos independentes, no caminho de sua autonomia. A questão central que garantirá isto é a consciência de cada adulto envolvido com a criança de que ela aprende com e nas situações sociais que lhe são possibilitadas e que se for vista e tratada como ser capaz, irá aprender a agir dessa maneira.

Montessori, grande educadora, dizia a respeito da relação educador – educando nos cuidados pessoais:

“Às vezes, cremos que as crianças são semelhantes aos fantoches inanimados. Lavamo-las e as alimentamos como se elas não fossem capazes de agir. Elas devem agir e nosso dever para com elas é ajudá-las na conquista de gestos úteis”.

Esta relação contempla a rotina estruturante que liberta a criança ao dar condições para que ela se organize no tempo e no espaço.

Solange Leme de Oliveira - pedagoga, mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); com especialização no Sistema Montessori de Educação e professora em cursos de graduação e pós-graduação.



SINPEEM
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP